

**A montagem no filme As Cartas de Iwo Jima****The Picture Montage in the movie The Letters from Iwo Jima**

DOI:10.34117/bjdv5n8-084

Recebimento dos originais: 14/07/2019

Aceitação para publicação: 22/08/2019

**Luiza Pires Bastos**

Mestranda em Comunicação e Linguagem pela Universidade Tuiuti do Paraná

Instituição: Universidade Tuiuti

Endereço: Rua Guilherme Pugsley, 1320 – Água Verde, Curitiba, Brasil

E-mail: luiza.bastos28@gmail.com

**RESUMO**

A Segunda Guerra Mundial é considerada a maior guerra da história da humanidade, levando-a também, a ser um produto muito explorado na indústria de entretenimento. A Guerra de Iwo Jima, que é explorada no filme de Clint Eastwood, foi a primeira batalha travada nas terras japonesas durante a Segunda Guerra Mundial. Os Estados Unidos pretendia conquistá-la, pois a ilha possibilitava a implantação de uma base aérea americana que ficaria próxima às demais ilhas do Japão. Com muitos mortos e feridos de ambos os lados, a batalha de Iwo Jima é considerada uma das mais sangrentas da Segunda Guerra Mundial, tendo como figura central o general Tadamichi Kuribayashi, que devido ao seu conhecimento sobre o inimigo montou uma estratégia adequada, fazendo a batalha durar 35 dias. O diretor americano decide gravar o filme sobre as duas perspectivas, americana e japonesa, ambas com enfoque em seus conflitos psicológicos. Na adaptação japonesa vemos o dilema de doar sua vida pelo bem da nação, porém com a dor de não ver mais a família. Para isso, Clint se utiliza muito dos recursos de montagem e, em especial, da iluminação.

**Palavras-Chave:** Segunda Guerra Mundial. Clint Eastwood. Montagem. Ilha de Iwo Jima.

**ABSTRACT**

World War II is considered to be the largest war in human history, leading it to be a widely exploited product in the entertainment industry. The Iwo Jima War, which is explored in the Clint Eastwood movie, was the first battle fought on Japanese land during World War II. The United States intended to conquer it, as the island made it possible to establish an American base area that would be close to the other islands of Japan. With many dead and wounded on both sides, the battle of Iwo Jima is considered one of the bloodiest in the world. World War II, having as its central figure General Tadamichi Kuribayashi, who due to his knowledge of the enemy set up an appropriate strategy, making the battle last 35 days. The American director decides to record the film from both American and Japanese perspectives, both focusing on their psychological conflicts. In the Japanese adaptation we see the dilemma of giving your life for the good of the nation, but with the pain of not seeing the family anymore. For this, Clint makes much use of the mounting features and especially the lighting.

**Keywords:** World War II. Clint Eastwood. Assembly. Iwo Jima Island.

## 1. A SEGUNDA GUERRA

A Segunda Guerra Mundial teve início em 1939 e durou até 15 de agosto de 1945, com a rendição do Japão após o ataque das bombas atômicas pelos Estados Unidos em Hiroshima e Nagasaki, em 6 e 9 de agosto, respectivamente. O país nipônico foi o último integrante do Eixo a declarar sua derrota, colocando, portanto, um fim à guerra.

O Japão foi criado desde a Era Meiji<sup>3</sup> – quando o país se abriu novamente depois de 260 anos de reclusão (Era Tokugawa<sup>4</sup>) – a acreditar que tinham origem divina. Segundo a crença, os deuses Izanagi e Izanami criaram o arquipélago e enviaram um de seus descendentes – o filho da deusa do Sol, Amaterasu – para governar o novo reino, dando origem ao território japonês. Por isso, o imperador seria a figura máxima e divina, para a qual todos deviam obediência e respeito, pois era considerado um descendente dos deuses. A crença “reforçava o orgulho de que os japoneses seriam racialmente homogêneos, sem nenhuma mistura com outros povos” (FERREIRA; TOBACE, 2012, p. 21). Até a derrota, na Segunda Guerra Mundial, todas as escolas e livros didáticos ensinavam essa versão. Foi só a partir dessa época que os cientistas e historiadores obtiveram o aval para publicar pesquisas sobre a verdadeira história da origem nipônica. Além disso, o Ministério da Educação ordenou que todos os estudantes riscassem a história da origem divina do Japão de seus livros.

FIGURA 1 – Livro Riscado



FONTE: MADE IN JAPAN, 2012, p. 24.

Esse pensamento engajou os japoneses a entrarem em diversas guerras. E as sucessivas vitórias que conquistavam, inflavam ainda mais o espírito de que eles seriam uma nação

melhor que as demais. A primeira delas foi na Primeira Guerra Mundial, em que o Japão conseguiu a vitória ao lado dos Aliados em 1918. Crente do seu poder bélico, o país avançou sobre o leste da China e implantou bases militares na Sibéria Oriental, buscando se expandir ainda mais. As atitudes começaram a incomodar a opinião internacional, gerando divergências com os Estados Unidos, que eram contra a expansão japonesa no continente e visavam deter o avanço japonês sobre o continente asiático.

A crise que assolou os Estados Unidos em 1929 chegou também ao Japão, o que fez com que o número de desempregados aumentasse e a concentração da riqueza nas mãos dos capitalistas ficasse ainda mais evidente. A corrupção gerava cada vez mais descontentamento da classe operária e isso abria espaço para os ideais fascistas. A união de militares ambiciosos com civis descontentes estourou diversas rebeliões, que culminaram em 1930, quando a política passou a ser dirigida pelos militares. A partir de então, o Japão começou a retroceder.

Em 1939, o mundo dividiu-se entre Aliados (EUA, Grã-Bretanha, França e União Soviética) e Eixo (Alemanha, Itália e Japão). Em 1940, o controle militar no Japão se tornou ainda mais rígido.

Na madrugada de 8 de dezembro 1941, a aviação japonesa atacou a base naval americana de Pearl Harbor e declarou oficialmente guerra contra os Estados Unidos e a Grã-Bretanha. O contra-ataque dos aliados começou em abril de 1942 e o Japão, já esgotado pela guerra, perdeu as ilhas de Iwo e Okinawa. As cidades nipônicas passaram a ser bombardeadas constantemente.

## **2. A SANGRENTA BATALHA DE IWO JIMA**

Foi a primeira batalha travada em terra japonesa durante a Segunda Guerra Mundial. Os Estados Unidos pretendiam conquistá-la por dois motivos. O primeiro era que a Ilha de Iwo Jima (Ilha do Enxofre) possibilitava a implantação de uma base aérea americana que ficaria próxima às demais ilhas do Japão, dando a perspectiva de disparar maiores ataques aéreos ao país, além de poder receber pousos de emergência de quaisquer navios avariados durante a guerra. O outro motivo, e não menos importante, era o efeito moral devastador que isso causaria aos japoneses por perderem uma ilha que era considerada sagrada para os nativos. O governo nipônico sabia disso e cogitou a hipótese de destruí-la por completo, porém acabou optando pela resistência.

A figura central e essencial nesse conflito foi o general Tadamichi Kuribayashi. O general foi aos Estados Unidos para realizar estudos militares e por lá ficou durante dois anos.

Devido ao seu conhecimento sobre o inimigo e a certeza de que tinham maior poder bélico, Kuribayashi montou uma estratégia adequada, tornando uma luta que deveria durar sete dias (segundo a perspectiva americana), em uma batalha de 35 dias, com muitos mortos e feridos de ambos os lados.

Entretanto, Kuribayashi e seu plano não eram bem-vistos pelos outros colegas do exército imperial, que por vezes desacatavam suas ordens e vinham a cometer suicídio durante a luta, por considerar seu plano um “meio de fuga”, que iria contra a honra japonesa.

Ao desembarcar na ilha de Iwo Jima no dia 10 de julho de 1944, encontrou os soldados escavando trincheiras ao longo da praia. Depois de conhecer cada pedaço da ilha, o general recém-chegado ordenou que cancelassem o plano de lutar na praia. Iniciaram o plano de escavação de túneis, resultando em uma rede de 29 quilômetros de túneis a dez metros do solo. E foram esses túneis que protegeram os japoneses dos três dias de bombardeio e do desembarque dos fuzileiros americanos do dia 19 de fevereiro de 1945, às 8h30. Quando estes chegaram à ilha, a encontraram totalmente vazia, não esperando o ataque que viria a seguir. Em apenas quatro dias, os americanos tiveram em torno de 900 baixas. Porém, também causaram mortes ao inimigo, possibilitando que conquistassem o icônico Monte Suribachi, no dia 23 de fevereiro, e cravassem uma bandeira americana no topo do monte. Uma foto registra o grande momento, essa imagem seria um dos maiores símbolos americanos durante a Segunda Guerra e uma fonte para convencer os investidores a doar mais dinheiro.



FIGURA 2 – Cravando Bandeira Americana no Monte Suribachi

FONTE: DAVID JORDAN, 2011.

Após conquistarem o sul, os fuzileiros passaram a investir sobre o norte da ilha, usando infantas de lança-chamas, que abriam caminho e queimavam os inimigos.

A batalha durou até o dia 26 de março de 1945, quando os invasores declararam que a ilha estava totalmente conquistada.

Segundo o Departamento de História da Guerra da Agência de Defesa, o total de soldados japoneses que lutaram foi de 20.933, sendo que apenas 1.033 voltaram vivos. Enquanto os americanos possuíam 110 mil soldados, 6.821 foram mortos e outros 21.865 foram feridos. O número de mortos supera os da histórica batalha na Normandia, conhecida como Dia D. Por isso, a batalha de Iwo Jima é considerada uma das mais sangrentas da Segunda Guerra Mundial.

O general dos fuzileiros navais, Holland Smith, em uma entrevista afirmou que: “As perdas do exército atacante superaram as do defensor. Quando os confrontos terminaram, a capacidade de combate de cada uma das divisões americanas havia caído para menos de 50%”.

O general Kuribayashi morreu em ação, na madrugada do dia 26 de março. Porém, ele já esperava por isso, preparando a sua família para o seu fim diversas vezes. Na carta enviada à esposa no dia 25 de junho de 1944, o general escreveu: “Desta vez, também estou desesperado. Acredito que eu tenha 99% a 100% de chance de não voltar vivo [...] não precisa me enviar nada, seja uísque ou qualquer outra coisa. Além de não saber se chegará, pode ser que já não esteja vivo” (KURIBAYASHI; YOSHIDA, 2007, p. 202-204). Na última carta enviada à família, no dia 17 de março de 1945 vemos que o general lamentou por não cumprir sua promessa com o imperador e se despediu da família certo da morte, entretanto, cheio de arrependimentos.

A bravura demonstrada pelos oficiais e soldados faria um demônio chorar de verdade. Entretanto, diante do violento e incessante ataque, nossos combatentes sucumbiram um a um. Contra as expectativas, chegamos ao ponto de não ter alternativa senão entregar este território para as mãos inimigas – o que me é verdadeira e insuportavelmente humilhante. Peço muitas e muitas vezes as mais profundas desculpas. [...] tendo em mente a gratidão pelo imperador, sem nos arrependermos pelos ossos partidos e corpos destroçados. Ao pensar que a terra do imperador não ficará eternamente em paz enquanto a ilha não for retomada, mesmo em espírito, juro esperar que cedo ressurja a tropa imperial. Nesta derradeira despedida, novamente manifesto meus mais sinceros sentimentos. Ao mesmo tempo, rezo fervorosamente pela vitória e segurança do país imperial. Aqui despeço-me eternamente. (KURIBAYASHI; YOSHIDA, 2007, p. 208).

Com o final da batalha em Iwo Jima, o exército americano caminhou para Okinawa, desembarcando na ilha em 1 de abril de 1945, conquistando-a em 9 de abril.

A resistência militar durou até agosto, quando os americanos lançaram a primeira bomba nuclear em Hiroshima e, posteriormente, outra em Nagasaki. O número de vítimas, mortos e desaparecidos ultrapassou os 200 mil. Tornando-se inviável continuar na guerra, no dia 15 de agosto de 1945, o Imperador Hirohito comunicou a rendição do país. Pela primeira vez na história, o Japão foi derrotado em uma guerra e teve que se curvar para outro país. O Imperador Hirohito fez uma declaração à população, indicando os novos rumos do país e ainda afirmou que “era apenas humano (...), não se estribam no falso conceito de que o imperador é um Deus presente e que o povo nipônico é superior aos demais, por isso, está destinado a governar o mundo” (YAMASHIRO, 1997, p. 287).

### **3. MONTAGEM**

Montagem consiste em coordenar a passagem de um plano para o seguinte. O uso da montagem como recurso cinematográfico começou em 1900-1910, com o objetivo de contar histórias de forma mais coerente. Em 1896, o ilusionista George Méliès já começaria a usar truques que seriam o princípio da montagem, como: quadro a quadro e superposição de imagens. Segundo Denise Guimarães em seu texto Animação como opção Tecnoestética em Vinhetas de Abertura de Filmes, ela afirma que “Foi Méliès quem uniu pela primeira vez várias cenas teatrais ou quadros móveis, transformando o cinematógrafo em cinema” (GUIMARÃES, p. 23, 2010). Apesar disso, foi com o cineasta russo Sergei Eisenstein que a montagem revolucionou e ganhou grande importância para a sétima arte. *A priori* filmes de duas horas contavam com cerca de 300 a 500 planos. Atualmente usa-se em torno de dois mil planos, sendo 24 quadros para cada um segundo.

### **4. A MONTAGEM NO FILME**

O diretor norte-americano Clint Eastwood já tinha interesse de filmar sobre a Guerra de Iwo Jima quando James Bradley (filho de um dos fuzileiros que combateu na ilha, John Bradley) lançou o livro *Flags of Our Fathers* (Bandeiras de Nossos Pais) em maio de 2000.

A ideia inicial era apenas fazer uma adaptação do livro de Bradley, que conta a história de seis soldados que cravaram a bandeira no Monte Suribachi no dia 23 de fevereiro de 1945 e tiveram o ato registrado pelas lentes de Joe Rosenthal, immortalizando os seis. Ao iniciar a gravação, Clint teve alguns empecilhos. O primeiro foi que o governo japonês não liberou a gravação do filme na ilha de Iwo Jima, pois isso mexeria com a memória dos mortos. Além disso, ao saber dos planos para gravar o sangrento combate, os japoneses se opuseram

ao fato de serem vistos como os vilões da batalha. Em meio a isso, Clint se deparou com as cartas do general japonês Kuribayashi, ficando encantado com a sensibilidade do militar. Em suas próprias palavras:

Viajei ao Japão para pesquisar mais informações para o filme *A Conquista da Honra*, que mostra a conquista americana da ilha de Iwo Jima. Mas mudei minha perspectiva sobre aquele momento histórico ao descobrir as cartas do general Tadamichi Kuribayashi. A obra apresenta um lado humano tão forte que comecei a me interessar mais pelo lado pessoal do general Kuribayashi do que pela guerra em si. Percebi que tinha em mãos uma história que não era sobre a batalha. [...] descobri nelas um sujeito único, um homem bastante sensível e devotado à família (YOSHIDA, apud EASTWOOD, 2007, p. 17).

Com isso, o diretor decidiu gravar a batalha pelos dois pontos de vistas: americano e japonês. Apesar da equipe de produção ser basicamente americana, os pontos cruciais para o sucesso do filme foram as escolhas da roteirista e do elenco. A roteirista escolhida foi Iris Yamashita, que embora tenha nacionalidade americana, estudou por alguns anos na Universidade de Tokyo. Ela conseguiu manter a essência japonesa daquele período, que consistia em uma dedicação plena ao imperador e ao país, sem ter medo de doar a sua vida. Quanto ao elenco, ele foi composto exclusivamente por atores japoneses, contando com nomes de peso para a indústria de entretenimento nipônica, como Ken Watanabe e Ninomiya Kazunari. O primeiro ficou conhecido por sua atuação em *O Último Samurai* (2003) e *Memórias de uma Gueixa* (2005). O segundo é cantor do popular grupo japonês Arashi, tendo atuado em diversas novelas nacionais e considerado um ídolo entre os jovens.

O filme conta a história de dois personagens centrais, o soldado e o general Kuribayashi. Saigo era padeiro e tinha acabado de descobrir que seria pai quando foi convocado para a guerra. Já no começo do filme é possível ver que ele não queria estar ali, pois declarou a um colega: “os japoneses deveriam dar logo a ilha para os americanos e acabar logo com isso. Kuribayashi, por outro lado, chega à ilha já ciente de sua morte e pronto para lutar até ao fim para o bem de seu país e da coroa. Luta até o fim ao lado de seus soldados, incentivando-os com a frase: “Sempre estarei à frente de vocês”. Apesar de vermos o lado intelectual do militar, o filme nos privilegia com os momentos que Kuribayashi é apenas um bom esposo e um bom pai. Em seus períodos de relaxamento, ele escreve cartas para seus entes queridos, no entanto, não fala muito da guerra (apenas com sua esposa). Ao comunicar-se com seus filhos, prefere contar sobre sua plantação e as galinhas que os ajudam a se alimentar na ilha. Adverte os filhos a cuidarem-se, escovarem os dentes e obedecerem a mãe.

Embora a montagem do filme em questão siga muito as tradições de montagem da indústria hollywoodiana, alguns pontos devem ser ressaltados. A produção possui uma narrativa circular, ou seja, ela começa e termina com a mesma cena: em 2005 quando historiadores estão cavando e descobrindo as cartas escritas pelos soldados japoneses, ao final da narrativa vemos o personagem Saigo enterrando as cartas do esconderijo do general. Não é de hoje que os diretores utilizam a montagem para começar o filme pelo que seria o fim, apesar de um recurso muito usado, não perde seu poder de atrair o espectador por meio da expectativa do que irá acontecer. O filme se encerra com todas as cartas, entre um áudio de cada um dos soldados lendo os escritos, como uma espécie de memória, em uma fusão de vozes dos personagens, encerrando o longa da mesma forma que começou, fazendo jus ao nome do filme.

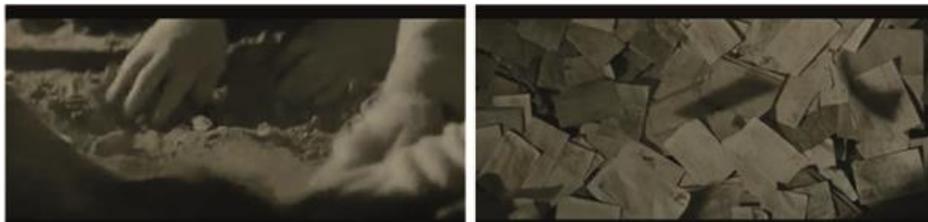


FIGURA 3 – Historiadores encontrando as cartas <sup>1</sup>

Dito isso, percebemos que a montagem não segue o padrão clássico da narrativa, 1-2-3. Sendo mais uma sequência 3-1-2 com inserções de *flashback*. Voltando a falar do uso de áudio nas cartas, esse é um ponto interessante da produção, as cartas são feitas pelos dois personagens centrais e também por Shimizu, um soldado japonês que chegará mais tarde na ilha depois de ser deposto do seu cargo original. Todas elas aparecem no filme em *off*, como pensamentos sendo externalizados.

A técnica de fusão – quando sobrepõe o plano A com o plano B – é utilizada apenas nos *flashback*, tanto no momento que o personagem vai para a memória, como quando ele retorna. Todavia, as lembranças só aparecem no filme quando Kuribayashi recorda sua viagem aos Estados Unidos, quando Saigo relembra da família no minuto 34 e ao final do filme quando o soldado Shimizu conta sua história para outro colega.

<sup>1</sup> Todas as imagens foram captadas pelo autor através do DVD do filme.



FIGURA 4 – Fusão

O ritmo do filme é, em geral, lento. Remetendo de fato às produções de guerra nipônica, como *Nobi* e *Túmulo dos Vagalumes*. Durante quase toda a primeira hora mostra o plano estratégico dos japoneses para reprimir o avanço americano e é apenas na segunda hora que vemos a guerra em si, embora não seja o foco do filme. Há poucas cenas da luta e quando elas aparecem, não focam nas pessoas. Clint deseja trazer ao filme muito mais a batalha psicológica dos personagens do que a batalha em si, um fato presente nos outros dois filmes citados. Sendo, possivelmente, um dos motivos centrais do filme ter feito tanto sucesso na terra do sol nascente. Do total arrecadado, 44% (30 milhões de dólares) desse faturamento vieram apenas dos cinemas nipônicos.

Em um artigo escrito pelo professor de Cultura Visual, Ikui Eiko, e seu colega, Aaron Gerow, para a revista *Japan Focos*, do dia 7 de maio de 2007, os estudiosos relatam que até então, os únicos que viam os filmes de Clint no Japão eram aqueles que já conheciam suas obras, entretanto, não foi o que se notou com *Cartas de Iwo Jima*. Na estreia, o cinema estava lotado de um público que raramente ia ao cinema. “Jovens e velhos falavam em estar sinceramente comovidos com o filme, elogiando e declarando que ‘este é um filme que um japonês deveria ter feito’” (EIKO; GEROW, 2007).

Artifícios como campo e contracampo, que é quando mostra-se uma extremidade da linha e depois corta para a que está do outro lado, são amplamente utilizados nos diálogos. E também o uso de *establishing shot* (plano introdutório), quando introduz o espectador à ilha de Iwo Jima em 2005, com os vestígios da guerra.



FIGURA 5 – Campo e contracampo



FIGURA 6 – Establishing shot

Uma cena merece uma atenção especial pelo uso da montagem, cena que os soldados do regimento de Saigo decidem fazer um suicídio coletivo depois de perceber que não teriam como vencer a batalha. Dessa forma, continuariam honrando o imperador e seu país. Os colegas se matam um a um diante dos olhos do soldado que, ao final do ato, em vez de seguir seus companheiros, vira as costas e corre para ajudar outra divisão. Vemos nessa cena o uso da continuidade intensificada, que consiste em enquadramentos mais próximos e cortes mais rápidos para aumentar a expectativa do espectador. Segundo Bordwell em seu livro *A Arte do Cinema: Uma Introdução*, quanto mais próximo é o plano, mais atenção o espectador presta (p. 385, 2013). Para criar o clima de tensão que a cena exige, a cada novo tiro, retornamos à feição de Saigo e sua angústia e dúvida sobre que atitude tomar. A medida em que o número de soldados vai diminuindo e seu momento de cometer o ato suicida se aproxima, a câmera também vai se aproximando de seu rosto e mostrando claramente seu semblante de medo, ansiedade e apreensão, focando cada vez mais nos rostos e no sofrimento de cada um dos militantes. No entanto, assim que ele decide não cometer o ato e tentar ajudar outro regimento, a câmera volta a filmar em plano americano e médio.



FIGURA 7 – Cena do suicídio

A montagem também é responsável pelas relações gráficas existentes no filme, essas consistem na escolha de iluminação, cenário, fotografia, enquadramento e afins. Clint Eastwood opta por uma montagem que privilegia a pouca iluminação e pouco uso dos recursos sonoros. As cenas externas são escassas, ocorrendo mais ao início do filme. Ao chegar à ilha, o General Kuribayashi se depara com o exército japonês montando trincheiras na praia, ato que ele logo suspende. O plano de Kuribayashi é que a luta ocorra dentro das cavernas, por isso, a maior parte das cenas ocorre dentro dos túneis. Portanto, possuem pouca iluminação, a maior parte do filme foi rodado dentro das cavernas, fazendo com que o espectador fique carente da iluminação, pois algumas cenas são quase completamente escuras, além de explorar o uso das sombras. Certos diálogos são vistos através das sombras e só ouvimos o *off* da conversa. Segundo a teoria semiótica de Peirce, os elementos cromáticos escolhidos possuem um significado icônico, em outras palavras, um significado imagético. Na produção em questão o diretor opta pelo uso do preto, branco e tons de bege. Abusou do alto contraste e da baixa saturação, tornando o filme opaco. A escuridão se dá por conta da maior parte do filme ter sido gravado dentro dos túneis. O uso do preto e branco com raras nuances cromáticas como vemos em Cartas de Iwo Jima, transmite a sensação de agonia e prepara o espectador – mesmo que inconscientemente – a cenas de medo e morte. Não tem como falar das relações gráficas de Cartas de Iwo Jima sem compará-las ao seu “filme irmão”, A Conquista da Honra. Nesse o diretor escolheu nos *flashbacks* das cenas de guerra, os tons acinzentados e uma baixa saturação. Todavia, quando vemos as cenas da campanha para arrecadação de dinheiro, os tons de azul predominam, dando uma aparência fria ao filme, iconicamente falando, reflete ao conflito interno dos personagens.

Desde que um objeto típico da nova mídia é colocado diante de elementos advindos de diferentes fontes, tais elementos precisam ser coordenados e ajustados para se encaixarem. (...) através do processo de produção, elementos retêm suas identidades separadas e, por conseguinte, podem ser facilmente modificados, substituídos ou apagados. Quando o objeto está completo, ele pode ser ‘saída’ de uma ‘corrente’ única na qual elementos separados não estão mais acessíveis. (MANOVICH, 2001, p. 139)<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup>Since a typical new media object is put together from elements that come from diferente sources, these elements need to be coordinated and adjusted to fit together. (...) Throughout the production process, elements retain their separate identities and, therefore, can be easily modified, substituted, or deleted. When



FIGURA 8 – Diferença de iluminação em ambos os filmes.

Por fim, nota-se o uso da montagem paralela em algumas cenas. Essa consiste em alternar planos de um acontecimento, para outro, em outro lugar. Um recurso muito explorado pelo diretor americano D. W. Griffith e com ele que ganhou popularidade entre os filmes hollywoodianos. Clint Eastwood usa o artifício na cena que os americanos iniciam a invasão à ilha enquanto intercala com a preparação dos soldados japoneses dentro dos túneis. E também na primeira hora de filme, quando o General Kuribayashi está ao telefone.

Embora os dois filmes de Clint sobre a guerra de Iwo Jima explorem o lado psicológico dos seus personagens, eles são feitos de maneiras distintas. Em *A Conquista da Honra*, as cenas de guerras são reduzidas, focando mais na turnê dos três soldados e do conflito por serem considerados heróis, enquanto os colegas ainda batalham para conquistar a ilha, quando a batalha em si é mostrada através de *flashbacks*, sendo poucas as cenas de luta.

Já em *Cartas de Iwo Jima*, estamos literalmente no *front*. O drama psicológico fica por conta de Saigo e o general Kuribayashi, e vemos novamente uma oposição de valores. Saigo sofre por não estar perto de sua família e escreve várias cartas (que não se sabe se chegaram ao seu destino), contando os dramas da guerra e como ele queria que o Japão se rendesse para voltar logo para casa. É possível entender que Saigo é posto na história para agradar o público americano, pois seus valores são americanos. Saigo não tem o orgulho ou o pensamento suicida que a tropa imperial tem. Ao contrário de Kuribayashi, que apesar de ter vivido dois anos nos Estados Unidos, está ali na guerra para dar tudo de si e morrer por sua bandeira. Kuribayashi representa o típico soldado imperial da época. Ao final do filme, vemos Saigo em uma maca com os demais sobreviventes. O olhar do soldado paira sem destino e então

---

the object is complete, it can be 'output' as a single 'stream' in which separate elements are no longer accessible.

retomamos a 2005, com os historiadores achando as cartas escondidas, fechando assim, o ciclo da história.

## 5. CONCLUSÃO

Clint decide filmar a guerra de Iwo Jima sobre a perspectiva dos japoneses depois de se deparar com as cartas do General Kuribayashi, que estão compiladas no livro *Cartas de Iwo Jima*, editado por Tsuyuko Yoshida. Como muitos filmes americanos sobre a Segunda Guerra, podiam acontecer de haver uma distorção da visão nipônica da guerra, colocando esses como vilões e os americanos os heróis. Fato que vemos em filmes como *Red Sparrow* (2018), estrelado pela Jennifer Lawrence e dirigido por Francis Lawrence. O filme conta a história de uma espiã russa que precisa descobrir quem é o informante que está passando informações confidenciais aos americanos. Vemos, porém, uma distorção total da polícia russa e uma apologia à CIA. Os agentes russos são postos como vilões que apenas pensam no bem da pátria, não se importando com as pessoas e demais sentimentos: são frios e torturam seus colegas sem piedade. A maldade chega a tal ponto, que a personagem de Jennifer Lawrence pede socorro aos americanos e solicita cidadania americana. Não é o que vemos no filme de Clint. O diretor de *Cartas de Iwo Jima* consegue se manter fiel e imparcial aos fatos.

Devido a sua fidelidade aos fatos e buscando a melhor forma de produzir o filme, cuidando de detalhes como luz, montagem e atores, é que Clint Eastwood conseguiu produzir um filme de sucesso, que não apenas conquistou os americanos e os japoneses, mas também o mundo. O reconhecimento disso foi ele ter sido indicado a quatro Oscar, tendo ganho o de Melhor Edição de Som em 2007, além do Globo de Ouro no mesmo ano. Também ganhou como melhor filme pela Academia Japonesa de Cinema, em 2008.

O texto literário não é uma estrutura fechada, mas aberta (ou melhor, estruturação, como o último Barthes entendia) a ser retrabalhada por um contexto ilimitado. O texto alimenta-se e alimenta um intertexto infinitamente permutável, que é visto através das sempre mutáveis redes de interpretações (STAM, 2000, p. 57).<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup>The literary text is not a closed, but an open structure (or, better, structuration, as the later Barthes would have it) to be reworked by a boundless context. The text feeds on and feeds into an infinitely permutation intertext, which is seen through ever-shifting grids of interpretation.

**REFERÊNCIAS**

A Batalha de Iwo Jima – **Filmes perdidos da Segunda Guerra Mundial**. History Channel, 2012.

BORDWELL, David; THOMPSON, Kristin. **A arte do cinema: uma introdução**. São Paulo: Ed. 1. Editora Unicamp, 2013.

EIKOH, Ikui. **Letters from Iwo Jima: Japanese Perspectives**. Japan Focus, n. 5, 2007.

FERREIRA, Andréia; TOBACE, Ewerthon. **A origem dos filhos do sol**. Made In Japan, São Paulo, n. 143, p. 20-27, 2012.

**Guia da Cultura Japonesa**. São Paulo: Editora JBC.

GUIMARÃES, Denise. Interloquções sígnicas entre vinhetas cinematográficas e videoarte. **Livro Socine**. 2012. v.2. p. 113-131.

GUIMARÃES, Denise. Animações como opção tecnoestética em vinhetas de abertura de filmes. **Revista Dispositiva**. PUC/MG. V.6. n.10. 2010. p. 19-39.

HIRASAKI, Cesar; FERREIRA, Andreia. **O Japão tradicional**. Made In Japan, São Paulo, n. 146, p. 10-27, 2013.

JORDAN, David. **História da Segunda Guerra Mundial: a maior e mais importante guerra de todos os tempos**. São Paulo: Ed. 1. M. Books do Brasil Editora Ltda., 2011.

KODANSHA. **Talking about Japan Q&A**. 3. Ed. [S.I.:s.n].

KURIBAYASHI, Tadamichi; YOSHIDA, Tsuyuko. **Cartas de Iwo Jima**. São Paulo: Ed. 1. Editora JBC, 2007.

MANOVICH, Lev. **The language of new media**. Cambridge: The MIT Press, 2001.

NOVIELLI, Maria Roberta. **História do cinema japonês**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2007.

## **Brazilian Journal of Development**

PEIRCE, C. S. **Semiótica**. São Paulo: Perspectivas, 1990.

SAITO, Cecilia. *et al.* **Japonicidades**: estudos sobre sociedade e cultura japonesa no Brasil Central. 1 Ed. Curitiba: CRV, 2012.

STAM, R. The dialogics of adaptation. In: NAREMORE, J. **Film adaptation**. Rutgers: The State University, 2000, p. 54-76.

YAMASHIRO, José. **Japão, passado e presente**. 3. Ed. São Paulo: Aliança Cultural Brasil-Japão, 1997.